

# 1 ESCUDO

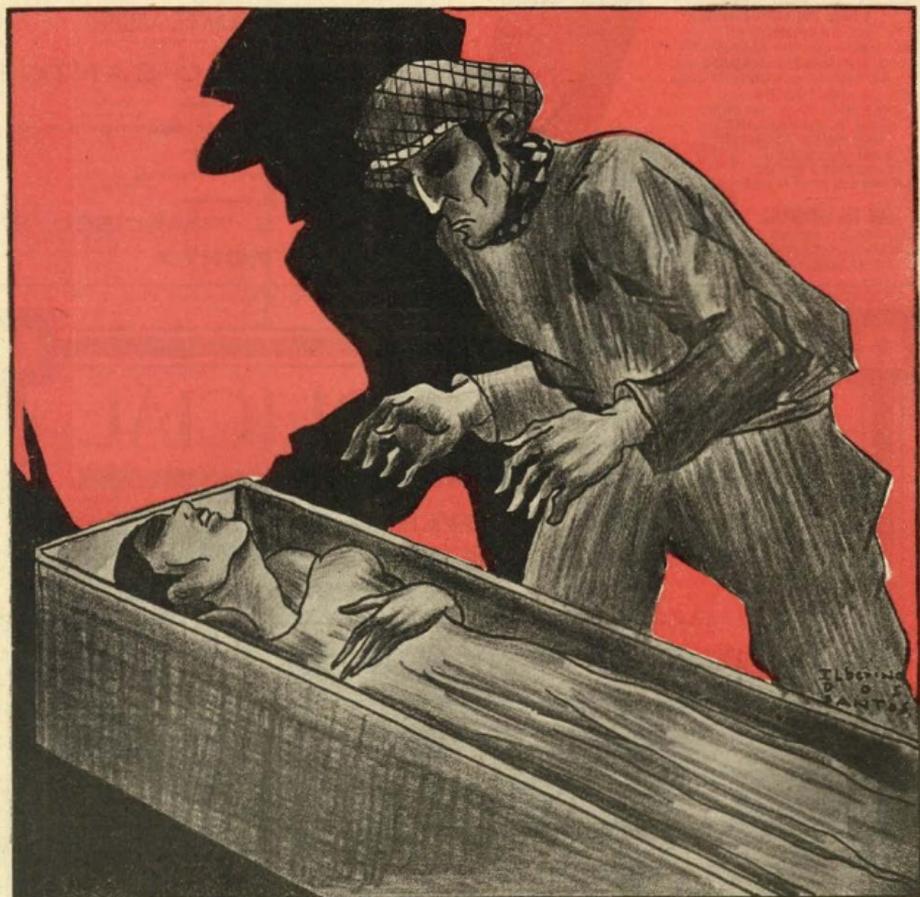
# Reporter.

Semanario das  
grandes reportagens

ANO I

6 de Dezembro de 1930

Numero 18



LER NESTE NUMERO: O violador de sepulcros—O marido que alugou a mulher, etc..

# SALÃO HUMBERTINA FOTO - LONDRES

ATELIER DE CHAPEUS  
DE  
HUMBERTINA BASTOS

RUA DE SANTA CATARINA, 31, 2.<sup>o</sup>  
PORTO

Expõe sempre as ultimas novidades de Paris  
Confecção de lutos

Rua 31 de Janeiro, 148  
PORTO

Passes e retratos  
= com uma pose =  
Desde as 9 horas  
até às 12

Retratos artisticos  
com 2, 3 e 4 poses  
De preferencia  
depois das 13 h.

## Se pretender

Já hoje lhe entregaremos  
A GRAPONOLA  
da marca que lhe interessar  
O APARELHO RADIO  
do modelo que preferir  
OS DISCOS  
com assuntos de que mais gostar  
OU A GABARDINE  
que melhor lhe servir  
basta somente inscrever-se  
nas nossas VENDAS & PRESTAÇÕES  
com honra (sem aumento de preço)



CASA DOS GRAMOFONES

Sede — 588 - R. DO BOMJARDIM - 580  
Filial — 357 - R. DO BOMJARDIM - 357  
Telefone, 2609 — PORTO

## Quereis comer bem ?

Procurai o RESTAURANTE ALBINO

DE ALBINO SANTOS

Bom serviço e modicidade nos preços

BONS VINHOS

RUA DE S. FRANCISCO, 8  
PORTO

# NOVELA POLICIAL

Edição do "REPORTER X"

DIRECTOR:

REINALDO FERREIRA

A sair ainda este mês

Tôdos os pedidos de assinatura, bem como a fixação de agentes  
para a sua venda na provincia, devem ser feitos imediatamente  
para Rossio, 3, 3.<sup>o</sup>, Lisboa, para se estabelecer a tiragem de exemplares

Capa a côres — 16 páginas

Preço: 1 ESCUDO

# Homens & Factos do Dia



O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e críticas a todos os acontecimentos de sensação nacional e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda simultaneamente em todo o país

DIRECTOR  
**REINALDO FERREIRA**  
(REPORTER X)

Director-Gerente, Administrador e Editor  
**ANGELO DE AZEVEDO FERREIRA**

Chefe da Redacção  
**MARIO DOMINGUES**

Propriedade unica de Angelo e Reinaldo Ferreira

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE  
ROSSIO, 3, 37 — TELEFONE 26442 — LISBOA  
End. Teleg.: REPORTERX — LISBOA  
DELEGAÇÃO DO PORTO — RUA DO ALMADA, 10  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
TIPOGRAFIA SILVAS, LTD.  
RUA D. PEDRO V, 120 — LISBOA — TELEFONE 23121

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc.	11\$50
6 " " " " " " " " " " " " " " " "	—Esc. 22\$50
12 " " " " " " " " " " " " " " " "	—Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescenta os respectivos portes  
**Pagamento adiantado**

## Os que enfiam carapuças

TODAS as reportagens que se publicam no Reporter X, mesmo quando por sua natureza se prestam aos vótos da fantasia, têm um fundo de verdade. Quando não são rigorosamente exactas em certos pormenores, são-no na essência. Por vezes, a linguagem de que as revestimos, os nomes supostos que lhes arranjamos, e a successão melhor combinada de certos quadros, são como os vestidos e os adornos para certos corpos de mulher — embelezam-nos sem lhes alterarem a linha impecavel e escultural.



Sucede, porém, que assim mascaradas, reportagens que se referem a determinados episódios e a certas pessoas, coincidem, mais minúcia, menos minúcia, com outros episódios e pessoas idénticas. Ficam então os que se supõem atingidos muito admirados por nós, pobres reporteres que andamos por este mundo distraídos, abstractos, sem reparar no que se passa em torno, adivinharmos magicamente as intimidades torpes de suas existências.

Tomam-nos por feiticeiros, bruxos que, pactuando com o Demónio, alcançamos o dom sobrenatural de ver através das portas hermeti-

camente fechadas e espreitar no fundo das almas o que de ignobil elles occultam.

A maioria d'esses que se supõem atingidos disfarça o seu despeito e vem, como dantes, estrellar-nos afavelmente a mão, aguardando a oportunidade de uma vingança que não os comprometa; outros enviam-nos ameaças por caminhos sinuosos, e outros ainda, quasi sempre aqueles que nós não pensamos em atingir, preguntam-nos, arrogantes, principalmente quando dos seus crimes não se pode obter senão provas, certezas morais, de escasso ou nulo valor jurídico:

— Digam-me se era a mim que queriam chamar pulha?

E não era. Sim, nós em regra, salvo muito raras excepções, não queremos atingir as pessoas que, não sabemos porquê, acham que lhes servem as carapuças que desejamos enfiar na cabeça de outros.

E como realmente não era com a pessoa que se sente melindrada que nós queríamos lutar ou discutir, muito lealmente confessamos:

— Querido amigo, por quem é... Sempre o tivemos por uma pessoa honesta, de rectidão de caracter indiscutivel, absolutamente incapaz de praticar o crime imputado ás personagens mais ou menos fantásticas da nossa reportagem. Chega a parecer impossivel como lhe passou pela ideia que lhe atribuímos tão nefandos actos! Ora, ora, uma coisa assim... Não quem lá vê?... Porque será que ninguém mais se queixou sendo você?...

Ainda há poucos meses, em uma reportagem, aliás nada fantástica, porque o assunto por si só ia além de todas as fantasias, fizemos referências a um individuo (os leitores devem lembrar-se) que em Pombal a voz do povo accusava de actos menos correctos na Reparação de Finanças. Viera essa referência a propósito do desfalque praticado por José Rito dos Santos. Pois o cavalheiro, cujo nome não citámos então por melindre, por escrupulo, um mês depois da publicação da nossa reportagem escreveu-nos altivo e indignado dizendo que elle, José Joaquim Ferreira, não tinha amantes, comprara um prédio, mas com o seu ganho honrado, adquirira um automovel com os seu proventos honestissimos, que pouco passavam de mil escudos mensais. Ora o sr. Ferreira não tinha sido citado no nosso jornal. Porque se apresentara elle a enfiar a carapuça que muito bem poderia ajustar-se a qualquer outro?

Acontece também abor darmos um acontecimento occorrido, por exemplo, no Norte, descendo entre elle e o publico «o manto diáfano da fantasia». E, caso estranho, logo recebemos cartas do sul e do centro do pais felicitando-nos pela maneira admiravel como focámos o caso de Fulano e Beltrano que os-nossos correspondentes «muito bem conheceram sob o disfarce de outros nomes e outras terras». Os casos de que eles nos falam, em boa verdade, eram para nós absolutamente desconhecidos — mas ficámos logo conhecendo, mercê de uma reportagem feliz que os fez vir à superficie.

Tódos estes incidentes teriam o condão de nos divertir se algo de mais grave, de mais sério, elles não significassem. Os alarmes de algumas pessoas que se julgam apunhadas em flagrante pelo Reporter X, de outras que nos imaginam indiscretos e de muitas que temem que o publico as conheça através de nomes e scenários supostos que, em realidade, mal encobrem pessoas e scenas bem distantes dos que se crêem denunciados, constituem um sintoma lamentavel da decadência moral do nosso tempo.

É que nós, apesar dos cabelos nos terem começado a embranquecer no jornalismo, que é uma escola intensa e dolorosa da existência, ao focarmos determinadas aberrações julgamo-las únicas, excepcionais, e afinal elas são mais vulgares, mais tristemente corriqueiras do que supunhamos.

Não temos piedade, pois, dos que são atingidos de ricochete pelas balas jornalisticas que disparamos contra o crime e a immoralidade, na defesa de uma vida mais sã e elevada, porque essas que erguem a voz de onde não esperamos mereciam igualmente que sobre elles fizéssemos certa pontaria.

MARIO DOMINGUES

## «D. Manuel II, História do seu Reinado e da Implantação da República»

O brilhante escritor Rocha Martins, considerado hoje o nosso maior historiador romancista, acaba de publicar uma nova obra intitulada «D. Manuel II, História do seu Reinado e da Implantação da República». Trata-se de uma obra de mestre e trata-se, igualmente, de uma obra de notabilissimo interesse histórico. Factos que permaneciam inéditos, outros que tinham sido mal interpretados, apparecem-nos agora nesta obra collocados no seu verdadeiro lugar, na sua verdadeira situação. Rocha Martins estuda a agonia da Monarquia e o advento da República. Os homens e as situações são tratados com absoluta verdade e justiça. O proprio monarca toma um largo espaço no livro com as suas confissões a que poderíamos chamar as suas memórias.

A edição, que pertence ao «A. B. C.», constitui uma verdadeira maravilha de bom gosto. Boa impressão, profusão de gracuras, tricolores, um grande aspecto de luxo e de arte. Por todas as razões apontadas, a recente obra do illustre homem de letras Rocha Martins deve constituir um grande successo.

## REPORTER X

ENCONTRA-SE À VENDA EM TODOS OS PRINCIPAIS QUIOSQUES E TABACARIAS

# Em Sarnadas de Alvaro também se descobriu um sátiro

DESCREVE-SE UM DRAMA DE QUE É VÍTIMA UMA POBRE PROVINCIANA QUE REVELA AO «REPORTER X» OS ARDIS EMPREGADOS PELO SEU REPELENTE AUTOR

**D**URANTE todo o percurso a rapariga veio a choramingar. O «eléctrico» vinha cheio e os passageiros não deixavam de olhar aquela moçoila de aspecto desolador, cujo pranto inconsolável a criava um ambiente de compaixão. Adivinhava-se ali um drama pungente, simples como a personagem que parecia suportar-lhe toda a extensão. Uma velhota que seguia a seu lado falava-lhe de vez em quando. Com uma voz entrecortada pelos soluços sufocados, a rapariga parecia responder às suas interrogações.

Rossio — o «eléctrico» esvasia-se. Uns olhos apressados fitam a rapariga, que desce com a velhota. Seguem as duas e perdem-se num labirinto de travessas.

O desejo de desvendar a origem do pranto humilde daquela rapariguinha vulgar, que massamente dava largas à sua dor, torturava-nos a curiosidade, desorientada e inerte, sem uma pista, sem uma indicação, sem um palpite...

Afinal, o acaso veio ao nosso encontro. Em casa de um amigo que visitámos dias depois, encontrámos a rapariga do «eléctrico». Era ela, sem dúvida. A sua figurinha sem linhas chocantes tinha-nos ficado viva na memória. O patrão confirmou-nos a convicção; e ela, depois, solicitada com brandura persuasiva, decidiu-se a contar a sua história — a história da sua dor, que se afirmava num pranto contínuo.

Estava ali há três dias — e há três dias que chorava, sem querer explicar a razão das suas lágrimas. Por fim contou, convencida já de que o *primo* não a mataria por ter desvendado o segredo.

Maria do Carmo completou 19 anos no dia 15. É natural de Sarnadas de Alvaro, Oleiros, e filha de Antonio Barata e Maria de Jesus. Sarnadas é um pequeno lugarinho, onde José Alves, negociante de azeite e marido da professora oficial, disfruta uma situação de *pro-hombre*. Pelo seu lar têm passado, como creadas, muitas daquelas pobres e ingenuas raparigas das redondezas. É voz corrente — e é sorri, triunfal, da murmuração pública — que todas elas têm sacrificado à felonia e ao malvado capricho de José Alves aquela virtude fisiológica em que a nossa mulher alicença o seu prestígio, o seu encanto e a sua força.

Na verdade, José Alves, pobre galo pimpão, arrastava a asa à sua creada Maria do Carmo, que, ignorante e simples, não atingia os seus intentos. Alguém, prevenindo-a, patenteou-lhe as consequências do mal que a espreitava e abriu-lhe os olhos decididamente. Maria do Carmo pôs-se em guarda e, diante da insistência de José Alves, várias vezes declarou desejar voltar para casa dos pais. Então o sátiro de lugar de azeite moderava as arremetidas e a rapariga a ficando.

Um dia chegou a Sarnadas de Alvaro a comunicação do falecimento, em Castelo Branco, do sógro de José Alves. O casal partiu para a cidade a participar do luto familiar e Maria do Carmo ficou sózinha. Quatro dias depois, estando no andar superior da casa, entregue à lida da limpeza, surpreendeu-a atterradoramente a presença do patrão.

— Continua o teu trabalho, disse-lhe José Alves. — Venho buscar dinheiro e vou-me já embora. E desceu para o andar térreo. A rapariga, tranquilamente, continuou a sua tarefa. Pouco depois o patrão estava outra vez junto dela e ela verificou

que estavam fechadas todas as janelas e portas, excepto as comunicações com o seu quarto...

Passaram quatro dias. Várias pessoas da terra sabiam que a Maria do Carmo estava sózinha e tinham visto entrar, sem ter saído ainda, José Alves, o orgulhoso violador das suas creadas. A suspeita correu depressa as ruas da terroela e uma peregrinação constante deambulava de manhã à noite em torno da casa fechada. Uma carta anónima preveniu em Castelo Branco a esposa do sátiro



Conversando com o nosso redactor, Maria do Carmo tranqüillizou-se e o seu semblante animou-se

de Sarnadas, que raptamente meteu os pés a caminho. Nada, porém, parece tê-la surpreendido. A recusa do marido tranqüillizou-a formalmente. Dispensou-a, até, de ouvir a creada. Uma paz sedutora continuou iluminando aqúele lar.

A Maria do Carmo é que chorava, agora, inconsolavelmente, pelos cantos da casa. Uma dôr misteriosa martirizava-a continuamente. José Alves procurava acalmá-la em vão. Um dia, enquanto a esposa, em baixo, leccionava as crianças, desdobrau-lhe diante dos olhos turvados de inquietação e de lágrimas, um plano sedutor:

— Ela vinha para Lisboa, já; é vira no dia imediato. Entretanto empregar-se-ia de creada, um lugarinho principatamente remunerado na capital: trezentos a quatrocentos escudos por mês! Depois, como êle projectava estabelecer-se na grande cidade, realizam as relações suspensas. Ela chorava, não queria. E êle ameaçava-a. Repetiu-lhe a promessa de morte se não acatasse os seus conselhos e revelou-se o segredo do seu pecado. Por fim conseguiu dominar-lhe a vontade. Meteu-a, uma madrugada, na camioneta, em companhia de uma vizinha, a Maria dos Vilhacos, que os desen-

gamos dos primeiros dias e as saudades da terra fizeram voltar depressa.

Maria do Carmo trazia uma carta de Alves recomendando-a a uma *prima*. A rapariga procurou a destinatária e ficou com ela. Três dias depois, uma carta dêle anunciava-lhe que estaria em Lisboa dentro de três dias. E veio. Procurou-a. Falou-lhe com carinho. Levou-a a passear, para longe da cidade, *por uma rua muito comprida, à beira do mar*, como sãa explícita. José Alves recomendava-lhe o segredo das suas relações. Passaram até à noite — e foram para uma casa comer e dormir. Ela não comeu. A incerteza, aquela desconfiança atemorizada que a dominava, tiravam-lhe o apetite. Estiveram quatro dias naquela casa. Durante o dia, êle ausentava-se. A noite levava-lhe alguma comida e ficava lá. Passavam às vezes e uma dia acompanhou-a a casa de outra *prima*, onde a deixou por algum tempo.

Maria do Carmo, porém, não se adaptava, e, talvez por conselho da *nova prima* proporcionou-lhe um longo passeio de «eléctrico», para o outro lado da cidade, para um sítio onde havia fábricas. Após uma hora aproximada de trajecto, apearam-se. José Alves dirigiu-se a uma porta de escuras. Precisaava subir. Ela ficava ali à espera. Mas ela opôs-se naturalmente. Chorava com enternecedora aflicção e os transeantes paravam, a indagar em razão daquele pranto. Comprometido, raivoso, José Alves levou-a dali.

Caminharam mais, sempre no sentido oposto aquele de onde tinham vindo. A porta de uma taberna pararam. José Alves entrou a beber um copo. Depois chamou-a e quis que o esperasse ali, enquanto lá tratar de um negócio. Ela recusou, chorando, e desesperado, foi-lhe levando para mais longe. Pararam. José Alves falou-lhe com mansidão.

— Precisaava que ela fosse concubente. Tinha de ir à terra buscar dinheiro. Encontrava-se inteiramente desprevidno.

— Mas eu não posso ficar em Lisboa sózinha, sem dinheiro também — contestou ela num tom de desespero que o patrão tornava mais impressionante.

— Ainda ali tens o cordão — empenha-o! — solucionou José Alves numa voz decidida. E a Maria do Carmo chorava mais, com mais desespero e mais desolação. Outra vez as ameaças vieram fechar a discussão.

Aproximou-se um «eléctrico». José Alves procurou a paragem. Fez sinal, convenceu a rapariga a subir. O «eléctrico» vinha para o Rossio. Foi quando a encontrou. Chorava balinhão, num choro constante, que despertava compaixão. A velhota que a à seu lado mandou-a acompanhar à rua Damasceno Monteiro, onde reside um irmão de José Alves, Maria do Carmo lembrou-se do exterior da casa. Tinha lá dormido uma vez. Deu com ela. Subiu. Entrou. Consentiram que se demorasse algum tempo, enquanto lhe arranjavam para onde ir servir. No dia 13 foi para casa do amigo onde a encontrou, sempre triste, sempre a chorar, *rolando de solidades* e de más memórias.

Lá está e lá fica, enquanto não resolver quem tem de intervir. Entretanto Maria do Carmo vai diluindo em lágrimas o seu desengano e esperando o defecho doloroso e comprometedor da cilada em que a sua honra se perdeu, convertendo-na a última conquista do anafado violador de Sarnadas.

## Novela Policial

A sair ainda este mês

CAPA A CORES

Novelas dos melhores autores

Preço: \$100

# Mortas por envenenamento?

**Em Olhão, pacata vila algarvia, burgo de honrados e laboriosos pescadores, existe a suspeita de que foi cometido, por um seu natural emigrado em Marrocos, na pessoa de sua mulher, um crime por envenenamento**

N<sup>O</sup> extremo sul de Portugal, na costa algarvia banhada pelo Atlântico, existe uma pacata vila que foi há meses alarmada pelo crime de que foi vítima um dos seus filhos. Olhão é um sossegado burgo de pescadores onde, felizmente, são raros os crimes de morte, e mais raro ainda que os criminosos se-

é para os portugueses do norte e de Trás-os-Montes, o emigrante Anibal Lopes, de 22 anos, casado, que assim abandonava a mãe velhinha e a esposa para seguir o destino e a aventura que empolgara seu pai, como ele emigrante, perdido na grande babilônia que é Buenos Ayres.

O pai é o pedreiro Joaquim de Brito, emigrado na Argentina, e sua mãe Maria Amelia da Purificação, residente em Olhão, na rua do O., onde, cotidinha, passa os dias carpindo a sua negra sorte que a amarrava fortemente à vida como espectadora da tragédia que lhe vai despedaçando a família e, aos poucos, a vai despedaçando a ela própria...

Primeiro, o esposo querido que abandonou o lar e o filho pequeno para correr quiméricas aventuras; depois a morte da nora, uma segunda filha, e do netinho pequeno, a derradeira alegria, e por fim o labeu infamante de envenenador e assassino lançado sobre o filho querido, carne da sua carne...

Encontrando-se em Marrocos, o Lopes passou a vida de privações que passam todos os emigrantes abandonados a si próprios, num meio desconhecido, sem recursos nem amigos, até que, após porfiados esforços, conseguiu trabalho como electricista num estabelecimento da firma S. Burgos, de Mequènes, onde se conservou e naturalmente ainda está.

A esposa, Maria do Rosario Lopes, de 17 anos, filha de Antonio da Cruz Vingado Santos, marítimo, e de Maria do Espírito Santo, ficara com os pais na rua Dr. Mendonça Côte Real, n.º 59, onde raramente, e sempre com laconismo, chegavam as notícias do emigrante. E se eram poucas as notícias, menores eram ainda os recursos enviados, atendendo a que a família estava já accediada de uma pessoa mais, a pequenina Maria, filha do casal, de 15 meses, vítima inocente da tragédia que lhe roubou a vida a ela e à mãe, colhida, tão novinha, no vagabão da desgraça.

A mulher estranhava o procedimento do marido, mas sofria com resignação, esperando em que o Lopes brevemente regressaria à Pátria, visto que se aproximava a data em que teria de comparecer perante a inspecção militar.

Então — pensava a pobre Maria do

Rosario — dias felizes iria passar em companhia do marido e da filhinha que adorava. No entanto a data da inspecção passou, e o Lopes não se apresentou como todos esperavam.

Um facto se deu então que veio alamar a pobre esposa. Seu marido, seu marido legítimo à face de Deus e dos homens — ia novamente casar! Era o abandono com uma criança nos braços, ela própria uma criança também. Não,



Primeiro o esposo querido, que abandonou o lar



O marido recebeu-a com tristeza

jam filhos da terra. Por isso se justifica plenamente o *frisson* causado pela morte da Maria do Rosario, de 17 anos, e de uma filhinha desta, de poucos meses de idade.

Seria este mais um crime misterioso e ignorado da provincia, se o *Reporter X*, fiel aos princípios que norteiam a sua acção desde o primeiro número, não viesse focar este drama de morte e amor, sentimentos que no nosso país de românticos e fatalistas andam muitas vezes juntos.

## O DESENROLAR DA TRAGÉDIA

Na pacata vila — que não deixou de o ser porque um dos seus filhos se transviou — partiu no dia 1 para Marrocos, o Eldorado dos algarvios, como o Brasil o

não podia ser. Não queria acreditar. Quando em Julho chegaram a Olhão uns patricios que a Marrocos tinham ido como emigrantes e voltavam desiludidos, ansiosamente, com azeite, procurou informes, e o facto foi-lhe constatado:

— Seu marido está para casar... Tem até os papéis que provam que é solteiro...

E o informador dizia que também estranhava porque o sabia casado, mas que ele negara e se dissera apaixonado por uma francesa que o enfeiticera — diziam êles na sua linguagem simplista e pitoresca de algarvios.

## A CAMINHO DA MORTE

A infeliz Maria do Rosario considerou que era preferível uma certeza, por muito dolorosa que ela fosse, à terrível dúvida que lhe pairava no espirito, pesadelo constante de todas as horas, angústia de

(Continua na pag. 14)

# O julgamento de Waterlow

Dois incidentes que quebram a monotonia das audiências — O advogado de Waterlow, agressivo para Portugal — Uma carêta de mau agoiro — Uma opinião desassombrada dum advogado estrangeiro — Sousa Lencastre, intermediário? — A ingenuidade de Waterlow — De vermelho a rubro — Marang em Londres ?

LONDRES, 1. — (Pelo telégrafo). — O julgamento arrasta-se com lentidão. Em duas semanas apenas depuseram duas testemunhas, faltando ainda depôr dez testemunhas de acusação e oito de defesa.

Dois incidentes despertaram interesse: um, a forma ofensiva como o advogado de Waterlow se referiu a Portugal, insinuando como specimen geral os caracteres tipo Alves Reis, o que provocou uma azêda resposta de Devan, o advogado do

Marang, Alves, etc., pode levar o juiz, no final do julgamento, a declarar que há falta de matéria para sentenciar, mas, mesmo que o Banco de Portugal ganhe a causa, é hábito usar-se o *truc* da falência.

Esta opinião é de muito valôr, tanto mais que parece confirmado que Waterlow continúa preparando no Banco Canadense a sua falsa ruína.

Está quasi provado que foi Sousa Lencastre quem preparou Waterlow, a quem apresentou Marang, andando sempre juntos. Ainda pouco antes d'este julgamento visitou Waterlow.

Abordei Waterlow nos corredores do tribunal. Depois de dizer que confia na justiça, declarou que o caso do Banco de Portugal duvidar da sua boa fé exigia uma indemnização superior à que o Banco pretende, o qual teria feito melhor aceitando dez mil libras que lhe ofereceu, ficando o prejuizo da troca de notas limitado ao valor do papel, tinta e impressão dessas notas, que não representavam valor-ouro.

Preguntando-lhe se era verdadeira a ruína da Empresa do Canadá, respondeu que era ainda cêdo para devassar a sua vida íntima.

Interrogado sôbre se conhece Sousa Lencastre, Waterlow, de vermelho que é habitualmente, tornou-se rubro e afastou-se sem me responder.

O Banco de Portugal, além de 500 libras diárias para o advogado inglês, deve gastar 3.000 libras por semana.

E' opinião do advogado Devan que o Banco de Portugal ganha a causa.



Alves Reis na Penitenciária

Banco de Portugal; o outro, durante a audiência de segunda-feira, motivado pelo juiz Whright que, ao abrir a gaveta do púlpito, deixou cair o pano negro que faz parte do protocolo da justiça inglesa e com que os juizes costumam cobrir a mesa antes de ditarem a sentença de morte, dando aso a uma carêta de mau agoiro do impávido Waterlow.

Um advogado estrangeiro que vive aqui há muitos anos disse-me que é evidente a razão que assiste ao Banco de Portugal, mas que se não esqueça o jôgo da importantíssima firma inglesa e que a justiça em Inglaterra, além de lenta, é sempre favorável aos seus cidadãos. A lei inglesa baseia-se na presença das pessoas, de pouco valendo os documentos, mesmo reconhecidos. A ausência de



Os jornalistas portugueses foram avisados de que se hospedou em «Oxford Hotel» um individuo holandês, de nome Karl Marang. Coincidência? Fiz várias tentativas, sem resultado, para o encontrar. Este mistério intriga tôdos os portugueses que aqui se encontram.

REINALDO FERREIRA



A chegada a Lisboa de Waterlow (X), pouco depois da descoberta do caso Angola e Metropole

# O JUIZ VEIGA E A LENDA

**Criou-se em torno dêste homem rigidamente fiel ao rei e á monarquia uma atmosfera de terror que alguns dos seus actos desmentiam**

No tempo do Juiz Veiga... Bem sei que já lá vão vinte e cinco anos bem nutridos mas, de vez em quando, é agradável recordar coisas dos tempos idos, tempos da bota de elástico — como dizem os *meninos pseudo-futuristas*. Ora no tempo do Juiz Veiga também havia crimes e criminosos; e pelo Juízo de Instrução Criminal, então instalado no velho paçoete da Calçada da Estrela, passaram tragédias, misérias, aberrações e tiras que encheriam *bobines* de fitas policiais.

Era na infância da Investigação Criminal. Não

plá maior inteligência ou por uma seqüência de circunstâncias, conseguiram praticar crimes á *margem do código*.

Uma dessas foi estigmatizada pelo Juiz Veiga, e sem ir para a cadeia, porque estava á *margem do código*, passou um mau bocado e apañou uma lição tremenda.

## A ENTREVISTA PÓSTUMA

Interessaram-me sempre os assuntos policiais e por isso fiz algumas entrevistas com pessoas marcantes na criminologia.

Uma falta de interesse dos jornais do tempo, ou, talvez, falta de audácia minha, o que é certo é que essas entrevistas ficaram inéditas.

O Juiz Veiga recebe-me de má vontade. Detesta o *réclame*, não tem tempo a perder e enverga á sua cara de inquisidor — á cara dos interrogatórios.

Eu não desarmo. Sei, por experiência, que as pessoas górdas têm um grande fundo de bonomia e, depois duma troca de frases *intencionalmente* desinteressantes, colho a entrevista.

Só no fim é que o Dr. Francisco Maria da Veiga deu pela espárrua em que tinha caído — pensei eu então.

Hoje, a anos de distância, vejo que enfi eu na espárrua que julgava ter armado ao Juiz Veiga e que se ele me dissera aquelas confidencias o tinha feito com um fim determinado.

Qual? Ainda hoje não o vejo.

## UM «ESCROC» BRAZONADO

Dom Fulano de Tal tinha uma vida misteriosa. Sempre bem posto, bem posto de mais para o seu rendimento de quinze mil reis mensais, não faltava a São Carlos, aos bailes, a tudo o que fazia a parada corteza daquela época.

Tinha amantes caras, assistia á ceias no «comitê» da Rua do Ferregial, pavoneava-se entre a Havana e a Marques, jantava no Tavares e vestia do Amleiro.

Como é que os quinze mil reis davam para aquilo tudo é que ninguém sabia.

Bem sei que se diziam coisas á boca pequena; contavam-se com detalhes bastante realistas scenas de fraudes ao jogo, trocas de pedras verdadeiras por pedras falsas feitas em joias que senhoras da Sociedade queriam transformar e ás quais oferecia os seus préstimos pois estava bem relacionado com certos joalheiros da *Rue de la Paix*... e até se contava que, um dia, sendo portador de um anel valioso que o Infante Dom Afonso enviava a uma das suas amantes de ocasião, trocou esse anel por outro marca *Béna*.

Mas á-pesar-de tudo o que se dizia, era bem recebido na Sociedade e infalível nos bailes e tentos porque... sim.

Sempre era Dom Fulano de Tal.

## O PREÇO DA LOUCURA

A Condessa de xxx tinha uma vida difícil. Os vencimentos do marido como secretário de legação não lhe permitiam fazer a vida de ostentação que ella desejava.

Bela, duma beleza provocante, trazia atrás de si uma cauda de adoradores, um dos quais, adido de uma legação estrangeira em Lisboa, não se poupava á loucuras para poder ser distinguido por ela.

Aquilo começou por um *flirt* numa tarde de outono no «Sporting» de Cascais e continuou até á oferta de ramos de flores onde iam dissimuladas joias de subido valor.

Dom Fulano de Tal *via* um negocio e conquistou a confiança dos dois a ponto de ser ele o intermediário na correspondência.

As cartas do adido eram *tódas* entregues á Condessa de xxx mas as cartas dadas ficavam prudentemente guardadas na secretária de Dom Fulano de Tal.

Eram seis cartas apenas; mas seis documentos



Um aspecto da antiga «Parretrinha»



Outro aspecto da «Parretrinha»

havia antropometrias, a dactiloscopia era ainda absolutamente ignorada, e o detectivismo!...

Sherlock Holmes só chegou a Portugal depois do Incêndio da Madalena e, naquele tempo, no tempo do Juiz Veiga, os *policías secretos* usavam uns bigodes e umas bengalas que os *mataavam* logo á primeira.

Nas *revistas do ano* ões forneciam inevitavelmente um personagem burlesco e, se não estou em êrro (já lá vai tanto tempo) o *compère* adorado pelo povo, o *artista* a quem a crítica não fez ainda a verdadeira justiça, Carlos Leal, *criou* alguns tipos dêsses.

Não custa viver; o que custa é saber viver.

Parafraseando: ser criminoso não custa; o que custa é sabê-lo ser.

Criminoso! Que me atira a primeira pedra aquêlle austero varão que nunca pensou em fazer um roubo, um assassinio, um estupro; ou aquela dama de bom porte que não inveja á *maneira* porque as *cofetes* conseguem ricos guarda-roupas!

Mas o código, a policia, a cadeia, são factores poderosíssimos da *honestidade colectiva* e muitos dêsses crimes visionados, muitas monstruosidades pensadas, ficam apenas em visão e em pensamento *unicamente* por medo ao código, á policia, á cadeia.

Tem havido e haverá sempre criaturas que, ou

em que se previa um descarrilhamento no comboio conjugal da Condessa... tanto mais perigoso porquanto *lôra* provocado por um colar de pérolas colocado nos carris matrimoniais da dama pela mão de Dom Fulano de Tal e por ordem do adido D. Juan.

Já valia dinheiro aquela locura amorudo-diplomática. Aquelle colar de pérolas valeria bem uns cinco contos (daquelle tempo!) e... que diabo... era á *margem do código*.

Naquelle tarde encontrava-se a Condessa xxx e Dom Fulano de Tal no «Rendez-vous des gourmets», tomando um chá muito civilizado.

— Então — perguntou ella?

— Tem aqui uma cartinha dêle... Sempre há homens muitos felizes!!

Ela leu a carta e ficou á espera do estôjo do colar de pérolas. Então o fidalgo, falando baixíssimo e com um sorriso de extrema amabilidade: «Tenho aqui o colar e as suas cartas. Diga o que preferir? Sim, minha amiga, você é muito boa rapariga mas eu não vivo do ar. Ou the dou o colar e levo as cartas ao seu marido ou the dou as cartas e fico eu com o colar... E' o preço da sua loucura. Negocio licito... E' pegar ou largar.

Inteligente, como *tódas* as mulheres, não fez

(Conclui na pag. 15)

O senhor Paulo Gomes — quem não o conhece, sob o disfarce do nome com que o apresentamos? E' conhecido de meia Lisboa. Sim, o Paulo Gomes, negociante, estabelecido há muitos anos na rua da Prata. Quem não o conhece? Baixo, um pouco cheio, amavel, — aquela amabilidade que alguns anos de balcão imprimem aos velhos comerciantes — metódico, sossegado, éle é o perfeito tipo do chamado cidadão pacifico.

Se há boatos de revolução fecha apressadamente a loja e foge para casa para junto da mulher, uma mulher feita à sua imagem e semelhança, igualmente pacata, razoavelmente feia e, por isso, cheia de virtudes: amiga do marido, arranjada no lar, comodida nas ambições. Paulo Gomes evita as discussões, já porque elas o obrigariam a alterar o seu habitual sossego de espirito, já porque é tímido por natureza, tão tímido que, fora do âmbito conjugal, nunca soube o que fôsse uma aventura, uma madrigal atrevido para certas mulheres tentadoras



...à noite, contou ao marido o precalço dessa tarde na loja do amigo

que éle admira disfarçadamente, deseja em segredo e teme conquistar.

Chegou o honrado comerciante até aos quarenta e cinco anos sem conhecer a tortura de uma tentação menos casta. A sua vida resumia-se à loja, ao lar — uma vida sempre igual, apenas perturbada pelos grandes acontecimentos do balanço com lucros regulares todos os fins de anos, uma jantarada pelo seu aniversário, outra pelo da cara metade, um passeio por um domingo luminoso de verão a Caparica, a Sintra ou à Ericeira, uma ou outra rara noite de teatro e nada mais.

De quando em quando surgia a preocupação de uns achaques de que D. Emilia se queixava. O figado, o maldito figado, dava, por vezes, sinal de si. Vinha o médico, havia uns tratamentos, umas contas na farmácia que Paulo, franzindo o sobrolho e achando caro, ia sempre pagando. Depois o figado da cara metade regressava à normalidade, refezia-se a ordem nos espiritos e tudo se integrava na monotonia habitual.

### UMA MUTAÇÃO INESPERADA

Um dia, porém, o pacato Paulo Gomes sofreu uma transformação súbita e radical. Passou a barbear-se todos os dias, o que anteriormente só fazia uma vez por semana; a abandonar o estabelecimento ao cuidado dos empregados durante longas horas seguidas, a deixar que a *manucure* lhe lustrasse periodicamente as unhas, a usar pomada no cabelo ralo e a perfumar-se escandalosamente. E havia no seu rosto, até ali tão grave, tão sério, uma expressão de saudável alegria, como se tivesse remoeado, pelo menos, quinze anos. Na sua maneira de vestir houvera também modificações profundas. Ousara ostentar polainas claras, escolhia para os fatos fazendas de cores alegres, melhorava a qualidade das gravatas e das camisas e, antes de sair, punha o chapéu ao espelho para lhe dar um geito catita.

A sua maneira de andar, que era lenta e pesada, transformara-se em saltitar ligeiro de arveloa e o ventre, que devido às vagarosas digestões alcançara uma proeminência deslegrante, andando agora sujeito a cintas apertadas e a massagens frequentes, dera bastante de si e tendia a desaparecer.

# O marciado que alugou a mulher

Esta reportagem sensacional sobre um caso condenável ocorrido em Lisboa e que muita gente conhece, ceitui uma crítica severa aos costumes dissolutos da nossa época e a boa imprensa deve combater

Além disso tornára-se mais liberal, gastador, levantando quantias avultadas para quaisquer negócios misteriosos de que não se viam lucros.

A's vezes, perto do estabelecimento, mas não em frente da porta, aguardando a curta distância, parava um automóvel. O *chauffeur* entrava, perguntando pelo sr. Gomes e este, corando um pouco e buscando o chapéu à pressa, dizia-lhe antes que o outro tivesse tempo de abrir a boca:

— Já sei... Já sei do que se trata. Diga-lhe que vou imediatamente...

Fazia em seguida uma cara séria, na qual se adivinhava, se pressentia um estranho alvoroço, uma grande alegria íntima, dava umas breves ordens ao gerente e saía, quasi correndo.

Os empregados, às vezes, vinham furtivamente espreitá-lo à porta. Viam-no desaparecer no interior do carro, que rodava rapidamente.

— Aqui anda mouro na costa — murmurava o gerente desconfiado.

### ANDAVA MOURA NA COSTA...

Ora não era mouro que andava na costa — era moura. O segredo da transformação do pacato Paulo Gomes era uma mulher, uma mulher nova, trinta anos quando muito, em plena pujança, bonita — e casada. Sim, Alda era casada e Paulo conhecia o marido, o que constituia o travo amargoso daquelas relações.

O marido de Alda, o sr. Manuel Guerreiro, procurava há tempos Paulo Gomes para lhe pedir um favor, um favor banal entre comerciantes. Andava atrapalhado. Metera-se em cavalarias altas — uma alfaiataria de luxo, com mestres de corte, espatifatosos fclames — mas o negócio falhara. Ao cabo de alguns meses, depois de ter atirado para a alfaiataria, como quem quer encher um saco rto, contos e contos de réis, para não passar pela ver-



...ante o assombro do Gomes, que ficara petrificado a contemplá-la de longe...

gonha de uma quebra, vira-se forçado a fechar a porta. Tinha ainda umas contas a receber, de que exibia ao Gomes farta documentação, mas a liquidação ia-se fazendo lenta e éle precisava realizar cinco contos. Era para salvar um primo da mulher — e aproveitou o ensejo para lhe apresentar a esposa. O Gomes atendeu mais na sedução, na irresistível sedução de Alda do que nos negó-

cios. Prometeu estudar o assunto. Ia passar uma vista pelos seus papeis a ver se poderia ser-lhe útil. Que voltasse o Guerreiro dali a uns dias que lhe daria a resposta.

O Guerreiro voltou, desta vez sózinho, e o Gomes, agarrado ao dinheiro e confiando pouco na honestidade do amigo, inventou umas desculpas, mastigou uns transtornos e recusou o favor. Naquêle momento não lhe era possível. O Guerreiro saiu zangado.

No dia seguinte, Alda procurou o Gomes, a mais bonita do que nunca. O comerciante ficou extasiado ante a sua formosura. Pressentia que aquela mulher seria capaz de levá-lo a todas as loucuras. Ela lamentava-se, entre angustiada e indignada, da atitude do Gomes. Parecia-lhe impossível que, dizendo-se amigo de seu marido, lhe recusasse um favor de cinco contos, éle que tinha a vida desajogada e uma boa fortuna intacta, aferrolhada à chave.

O comerciante gaguejou umas desculpas. Estava a ouvi-la mas mal se apercebia do sentido das palavras; a beleza fascinante dela obsecava-o, desorientava-o. E não soube como deixou escapar uma frase, uma inconveniência, uma ofensa àquela mulher casada, esposa de um amigo. Propusera-lhe uma infâmia: dar-lhe-ia, dado e não emprestado, o dinheiro, muito dinheiro, se ela...

Alda ergueu-se, voltou-lhe as costas, vexada, e saiu.

Nessa noite, Paulo Gomes não dormiu. No dia seguinte o Guerreiro com certeza que o procuraria na loja para lhe partir a cara. Que vergonha! Que escândalo!

### TRÊS ESPECTATIVAS: AS DE GOMES, DE ALDA E DO GUERREIRO

Alda Guerreiro tinha uma grande admiração e respeito pelo marido. Sabia-o activo, empreendedor, combatente impetuoso pela fortuna, que algumas vezes estivera nas suas mãos, escapando-se-lhe entre os dedos em negócios infelizes. Manuel Guerreiro era um impulsivo, raras vezes mostrando os dentes à mulher, mantendo uma face severa, carrancuda. Era atreito a acessos de mau humor que a atemorizavam.

Alda temia-lhe o génio, esse génio agreste que a dominava, que fazia dela, habitualmente tão altiva para com as pessoas estranhas, uma boneca sem vontade nas suas mãos.

Foi, portanto, com precauções infinitas que ela, à noite, contou ao marido o precalço dessa tarde na loja do amigo. Ela tinha procurado Paulo Gomes, sem o marido saber, julgando que venceria o comerciante a prestar-lhe o auxílio pedido. Seria uma surpresa para o marido que muito a alegraria. Não contava, porém, com as propostas desonestas do Gomes. Poderia lá imaginar aquela atitude num velho que passava por ser pacato e austero?

Alda, sempre rispida, respondeu-lhe que o marido não precisava do seu dinheiro para nada. Que passasse muito bem.

E sem mais uma palavra, ante o assombro do Gomes, que ficara petrificado a contemplá-la de longe, perdeu-se entre a multidão.

Quando, em casa, Alda contou ao Guerreiro o encontro e as ofertas do Gomes, o alfaiate ficou seismático uns momentos e disse-lhe por fim:

— Fizestes mal em recusar o dinheiro.

— Fiz mal?

— Sim, fizeste. O dinheiro vinha precisamente salvar-me de um apêrto.

— Então vai lá buscá-lo amanhã — disse Alda, amuada.

Serenamente, o Guerreiro contestou:

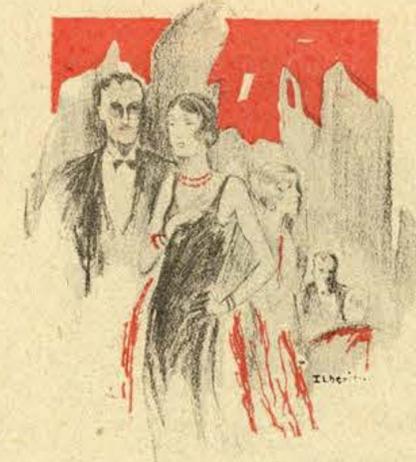
— Eu, não. Não me convém lá ir. Vai lá tu e dize-lhe... e tal... que sim... que eu não posso ir lá, porque tenho muito que fazer... Mas que te encarreguei de receber os cinco contos. Que, enfim, não me contaste as suas propostas. Compreendes? Convém que éle ignore que eu sei tudo...

E sorrindo, um sorriso forçado, bateu-lhe uma palmadinha amável na face.

### RESVALANDO NO PLANO INCLINADO

Alda quasi não queria acreditar no que acabava de ouvir da boca de seu marido, sempre tão severo, fazendo por vezes cenas de ciúmes despropositadas, sem que ela para tal desse ensejo. Habituada a não o contrariar, obedeceu-lhe contrafeita.

O Gomes, quando a viu entrar pelo estabelecimento, teve no coração um baque de alegria. Algo lhe segredava que os seus sonhos iriam ter a mais formosa das realizações. Ela falou-lhe hesitante, tentando recitar com serenidade o recado que o marido lhe ensinara. O Gomes, no seu escritório,



Ele andara apenas na pândega com a sua Alda, a sua adorada Alda

um cubículo estreito e escuro, escutava-a embevecido. A médo, o pacato comerciante arriscou um leve galanteio. Ela calou-se. Quem cala consente. Outro galanteio mais forte, mais nítido e, subitamente, num ímpeto irresistível, Gomes confessou, as lágrimas nos olhos, que a adorava, embora soubesse que os seus anseios jamais poderiam ser satisfeitos. Mas ela que se deixasse adorar, como uma

santa condescendente e inacessível. Deu-lhe os cinco contos. E quando, para os receber, ela estendia a mão esguia e perfumada, Gomes, num movimento brusco, beijou-lha.

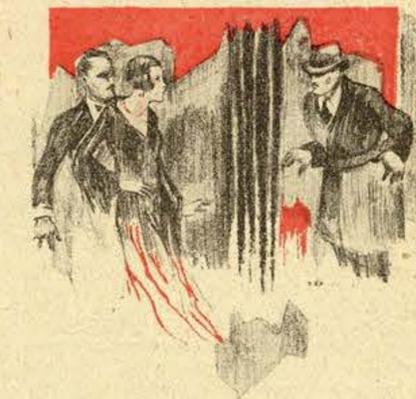
Alda retirou-se ruborizada. Quando entregou o dinheiro ao marido não pôde resistir e contou-lhe o procedimento do Gomes.

Sorriu-se o marido, encolheu os ombros e disse como se falasse consigo mesmo:

— Se éle caísse com mais três contos...

Alda sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha. Agora o esposo, o ente adorado, o homem ideal, surgia-lhe, nítido, em toda a sua hediondez. Não teve, porém, coragem de rebelar-se. Quedou abatida pelo desgosto, enquanto éle prosseguia, como se o assunto que abordava não fôsse dos mais objectos e repugnantes:

— O Gomes é um pobre diabo... Na mira de te



Onde estão eles, que os estrangulo?

apanhar é capaz de largar couro e cabelo. Endireitaríamos a nossa vida... Tomava de trespassar a outra loja e instalava ali, que é bom sítio, uma alfaiataria estupenda... Teríamos que fazer um sacrificio. Tu sujeitavas-te a suportar-lhe um ou outro beijo...

— Cala-te! Cala-te! — gritou-lhe Alda horrorizada, fitando-o como se tivesse um monstro na sua frente.

Guerreiro olhou-a cinicamente.

— E's muito parva — disse éle, por fim. — Não vives na tua época. Vamos lá a saber. De quem gostas tu mais nesta vida? E' de mim? Bem. Pois esse amor não vai até ao sacrificio de suportar as carícias de um pobre diabo em beneficio do teu marido?

Ela tremia, chorava convulsamente, ocultando o rosto nas mãos.

— São mais dignas de admiração as perdas da viela que suportam as carícias de todos, por amor de um!

Pôs o chapéu na cabeça e saiu batendo a porta com estrondo.

Alda, assombrada, sentiu-o descer a escada, assobiando uma copia de revista.

### O INEVITAVEL

Três dias depois, seriam umas onze da noite quando Alda entrou em casa. Nunca ela recolhera aquela hora. Vinha de rosto afogueado e triste. O marido olhou-a sem dizer palavra. Ela tirou o chapéu e o casaco de abafó e deixou-se cair em um «mapple», abatida, fatigada, o peito arfante.

— Que há? — perguntou o Guerreiro, num grunhido.

Alda, sem proferir uma sílaba, entregou-lhe um envelope volumoso que éle abriu de sobrolho carregado. Continha dinheiro. Contou-o com mão firme.

— Quinze contos? — inquiriu o Guerreiro.

— Sim, quinze contos — confirmou éla, num murmúrio.

(Conclui na pag. 14)

REPORTAGEM EM FAMÍLIA

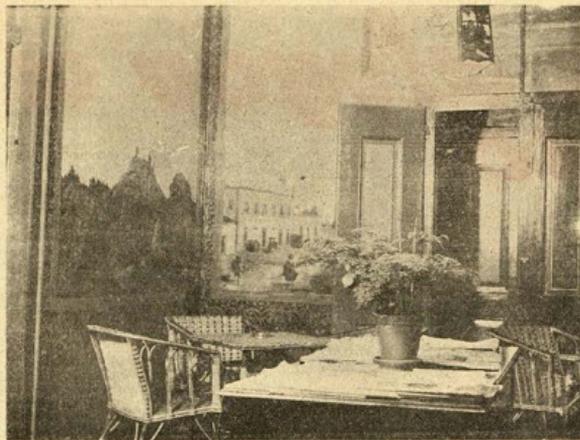
O que é a nova sede do Sindicato  
e da Caixa de Previdência  
dos Jornalistas de Lisboa

NA rua das Gáveas, em dois acanhados e sombrios aposentos de acentuadas exalações a bafo e de aspecto sórdido, existia, há aproximadamente seis anos, uma colectividade lamentavelmente decrepita, tristemente moribunda, vivendo apenas no nome: Associação de Classe dos Trabalhadores da Imprensa de Lisboa.

Mas a época já era de acção, e um punhado de rapazes novos, gente moça de sangue vivo na guelra e de moderna visão de vastos horizontes, resolveu corajosamente por a sua inteligente mocidade, a sua tenacidade ardorosa ao serviço da classe — da sua classe proba e nobremente independente, de altiva e orgulhosa independência.

Os esforços dispersos congregaram-se todos, orientados no mesmo sentido elevado, no mesmo desejo de organização associativa — uma organização à maneira de Hoje, forte e bela, que se impusesse à classe inteira, ao público, ao país. E das cinzas da decadente A. T. L., à semelhança da Fênix da mitologia, renasceu uma outra instituição, de estatutos refundidos em novas bases, agrupando sob a sua égide protectora todos os membros da grande família dos jornalistas, sem distinção de categorias, desde o mais graduado ao mais modesto, do consagrado ao obscuro almeida.

E negociado com êxito, na Caixa Geral de Depósitos, um empréstimo de algumas centenas de milhar de escudos, amortizáveis em prestações anuais; comprado o prédio que tem o número 13 na rua do Lorêto, em cujo terceiro andar se instalou a respectiva sede, foi inaugurado o Sindicato e a Caixa de Previdência dos Profissionais da Imprensa.



Sala de estar

Foi um passo gigantesco, memorável na vida jornalística da capital: os profissionais da Imprensa possuíam, desde então, uma casa sua, onde, já sem quebra de dignidade, sem dedouro para o seu brio, podiam receber as mais altas individualidades que os visitassem. Já lá vão cinco anos!

Mas o espírito de solidariedade da classe acordara de súbito, subtraindo-se ao marasmio enervante que o envolvia. Era preciso mais...

Espanha, a nação vizinha, dava-nos exemplos, fazendo construir, nas cidades mais importantes, grandiosas «Casas de Periodistas»; Madrid acabava de inaugurar o seu «Palacio de La Prensa» — vasto e elegante edifício próprio, com higiénicas e luxuosas dependências e obedecendo a moderno estilo de beleza e de grandeza.

No nosso Porto a «Casa dos Jornalistas» foi também, em breve, ser um facto notável — projecto maravilhoso de que Loureiro Dias se tornara paladino caloroso e apaixonado e persistente realizador.

A «CASA DOS JORNALISTAS», DE LISBOA, É UMA ENCANTADORA REALIDADE

E em Lisboa?

Na capital continuou-se a trabalhar com inteligência, empenhando-se as direcções, em bendita emulação, no melhoramento das condições de vida das suas colectividades, ligadas entre si por um «modus-faciendi» que as obriga a uma estreita e íntima colaboração, cujos brilhantes resultados estão patentes.

O compromisso da propriedade está quasi solvido, devendo ficar liquidado, por completo, no fim do corrente ano.

Tem-se trabalhado muito, lutado sem desalencimentos, com afincio, mas a compensação não podia ser mais consoladora.

Ultimamente, a actual direcção da Caixa de Previdência, constituída por Pinto Monteiro, Manuel Nunes, Amadeu de Macedo e José Barão, presididos pela figura prestigiosa de Julião Quintinha, perfeitamente integrada no cargo que lhe foi confiado e que procura honrar através mesmo de todas as dificuldades, a actual direcção, diziamos, resolveu mudar a sede social do terceiro para o primeiro andar do seu edificio. Deceu-se de altitude para se subir em conforto e em comodidade para os sócios.

E hoje a «Casa dos Jornalistas de Lisboa» é encantadora realidade — uma agradável realidade que orgulha os actuais corpos gerentes da Caixa de Previdência, que nos orgulha a nós e que deve orgulhar sinceramente todos os jornalistas profissionais.

Não temos ainda, é claro, um palácio como o de *nuestros hermanos*, mas, no entanto, a nossa nova sede pode já enfileirar, vantajosamente, com muitas das suas congéneres de países ricos e civilizados, as quais, por determinadas circunstâncias, tinham o dever de nos sobrelevar.

Encontra-se a actual sede do S. e C. P. dos P. I. L., montada com supremo bom gosto,

(Conclui na pag. 14)



Uma das belas salas do Sindicato

# D. MANUEL II

História do seu reinado e da implantação da República

que ROCHA MARTINS escreveu

(Da Academia das Ciências de Lisboa)

A imparcialidade serena, a documentação verdadeira e honesta,

são as bases principais para um bom livro de história

FOI o que ROCHA MARTINS mais uma vez conseguiu escrevendo *D. Manuel II, História do seu Reinado e da Implantação da República*, onde trata, com a sua costumada honestidade e com a mais completa documentação, tanto literária como gráfica, do que foi esse período agitado desde o Regicídio até à Implantação da República.

São os grandes factos dessa época revelados e postos a claro ante as declarações dos políticos, as confidências dos conspiradores, os apontamentos do próprio monarca, que, sendo novo e inexperiente, ia anotando, dia a dia, as conversações tidas com os que se lhe aproximavam.

ROCHA MARTINS, o escritor brilhante, sincero e escrupuloso, coligiu uma documentação preciosa e rara; indo buscá-la a todos os campos políticos, obteve papéis dum valor histórico impossível de exceder e, entre eles, cartas de personalidades políticas capazes de lançarem luz intensa no que tem sido, até agora, misterioso.

Adquirir *D. Manuel II, História do seu Reinado e da Implantação da República*, que ROCHA MARTINS escreveu e recomendamos aos leitores, é possuir o repositório, o arquivo, a mais completa documentação dos acontecimentos geradores da República.

A *Queda da Monarquia*, explicada por tantos factores, a *Implantação da República*, tirada dos bastidores para a verdade, os mais inconcebíveis passos que se deram recebendo em cheio a análise e a iniludível sondagem, constituem o grande valor desta obra.

## Programa

*D. Manuel II, História do seu Reinado e da Implantação da República* é uma obra luxuosa e ricamente impressa em papel especial, no formato e em tudo igual à obra *D. CARLOS, História do seu Reinado*, da qual constitui, por assim dizer, o segundo volume, ilustrada com magníficas tricomias, «hors-textes» e mais de

duzentas gravuras, documentos até agora ignorados, retratos de todas as personagens marcantes naquela época, etc.

## Condições de assinatura

### Formas de pagamento

Por uma só vez 120\$00 réis adiantadamente, ficando com o direito a requisitar, em devido tempo e contra a apresentação do recibo, a capa de luxo destinada à encadernação desta grandiosa obra.

Em duas prestações de 60\$00 réis cada, com direito a uma capa vulgar e nas mesmas condições.

### Importante

Atendendo à grandeza desta obra e a que muitas pessoas a quem ela deve interessar não podem desembolsar o seu preço por uma só vez, decidiu o autor facilitar o seu pagamento pela forma seguinte:

### Cobrança pelo correio

O assinante receberá no seu domicílio, cada mês, um tomo da obra, que terá de pagar ao correio que lho apresentar pelo seu custo, 10\$000 réis acrescidos de 500 réis (\$50) para despesas de cobrança.

**NOTA** — Os tomos que não forem liquidados logo à primeira apresentação terão de pagar mais 500 réis (\$50) por cada vez que forem novamente enviados.

Quando não sejam liquidados à terceira vez, o assinante perde o direito a receber os tomos seguintes.

### Para as colónias

Só se aceitam assinaturas pela totalidade com pagamento adiantado, acrescido de 22\$080 réis para portes de correio.

### Para o Brasil e estrangeiro

Aceitam-se assinaturas pela totalidade com pagamento adiantado, acrescido de 43\$200 réis para portes de correio.

Dirigir todos os pedidos ao "ABC" — LISBOA —

### AVISO MUITO IMPORTANTE:

A tiragem desta obra é limitada exclusivamente aos srs. assinantes. Quem não obtiver o livro D. MANUEL II, HISTORIA DO SEU REINADO E DA IMPLANTAÇÃO DA REPUBLICA, por assinatura, nunca poderá conseguí-lo doutra maneira, porque desta obra não se farão reimpressões.

JÁ ESTÁ EM DISTRIBUIÇÃO O SPECIMEN DESTA MAGNIFICA OBRA

# UM VIOLADOR DE CADAVERES

**A estranha aberração duma personagem misteriosa—Um hermafrodita, assaltante nocturno de cemitérios—O acaso põe-nos na pista do tenebroso individuo—  
Uma ronda nocturna no Cemitério Oriental—Uma surpresa comovedora**

—R 4. Or.—J. F.; T. 20. Oc.—c. 14.326; R 2. B.—J. F... Minha filha,—exclama-me, devolvendo o livro onde se viam êstes e semelhantes apontamentos cabalísticos—decididamente não nasci para charadista. E, com franqueza, não vejo nessas simples notas nada de comprometedor para o homem...

A gentil Ivonne explicou-me então, com certa malícia: —É que aquêlê homem é homem, mas é também mulher!...

—Um hermafrodita!?... exclamei, saltando escandalosa gargalhada—Então, você, Ivonne, não contente em arranjar ao pobre rapaz o objecto

cido a estranha história que a simpática Ivonne me contara, no «Bristol».

E podia lá acreditar que em pleno século XX existisse em Lisboa um violador de cadáveres... Demais a mais, sendo a Ivonne uma rapariga essencialmente romântica, vendo em tudo motivos complicados de novelas emocionantes...

Mas, nessa noite, o destino encarregou-se de reavivar no meu cérebro o que já havia olvidado. Estava eu no Parque Mayer, na companhia do esperançoso artista de cinema Alberto Castelo, quando, junto de nós, passou o imaginário saltador de cemitérios, que fez um ligeiro cumprimento ao meu companheiro.

—Conheces êste rapaz?—preguntei, vivamente, ao meu amigo.

—Sei que se chama José Pinto. Apresentaramo não me recordo onde... Vejo-o aqui, pelo Parque, quasi tôdas as noites... Mas porque me perguntas?

—Curiosidade!—respondi laconicamente, reatando em seguida a interrompida palestra em que ambos estávamos interessados.

Na noite seguinte, 1. de Novembro, com um fotógrafo cá da casa, percorri, febrilmente, todo o Parque Mayer, acabando, finalmente, por encontrar a misteriosa personagem do «Bristol»: To-mava plácida e alegre, no «Pavilhão Favorita».

Na assistência vi caras conhecidas: artistas de teatro, gente do cinema... Belo pretexto para o almejado retrato. O fotógrafo, sem causar suspeitas ao tenebroso individuo, disparou o «magnésio», colhendo assim o precioso documento fotográfico que ilustra esta página.

Cerca das onze horas, saí do Parque e José Pinto.

Nós salmos também, seguindo-o cuidadosamente a distância:—eu e o fotógrafo Serodio.

Depois de percorrermos variadas ruas, vimos o nosso vigiado desaparecer numa porta escura da rua do Terreirinho.

Subjugava-nos uma impaciente expectativa. Ao cabo, talvez, de meia hora reaparecia o José Pinto, traidando agora um modesto latido de ganga escura e tendo na cabeça uma boina «à Dato».



A casa da rua do Terreirinho

Na rua da Palma meteu-se num «taxi» que passava livre.

E com mil pensamentos desconcentrados a referirem-me em cachorros no cérebro, lá o seguimos num outro automóvel, dispostos a levarmos a bom termo a aventura em que me empenhámos.

O que resultaria de tudo aquilo? O nosso carro estacou, finalmente, com suavidade.

(Conclui na pag. 15)



A misteriosa personagem do «Bristol» (X) tomava plácida e alegre café, no «Pavilhão Favorita»

—Eu ao princípio também não compreendi, mas depois... Suponha, por exemplo, que o R seguido do número 4 que diz «rua 4», indicando êste Or. o cemitério oriental... Você sabe que as ruas dos cemitérios são numeradas!... Quanto às iniciais J. F. podem traduzir muito bem «jaziço de família». Para os restantes apontamentos deve seguir-se igual raciocínio, e se assim fizermos teremos: fachão 20 do cemitério ocidental, campá 14.326; e rua 2 do cemitério de Benfca, jaziço de família, etc.. Estas iniciais, juntas às notícias necrológicas que aqui estão coladas, identificam-nos sobre o estranho modo de vida daquêlê tipo...

E a minha companheira dessa noite naquela mesa do «Bristol», a graciosa Ivonne que se tornara famosa pela grande simpatia que dedica a tôdos os cavalheiros taumaturgicos, fatava com convicção, como quem tem a plena certeza dos factos.

Eu, abalado já no meu anterior scepticismo, olhei demoradamente a misteriosa personagem, alhe da nossa conversa. Estava sentado a uma mesa próxima à nossa. Era novo ainda, muito magro, de feições angulosas e maneiras suspeitas, quasi fêmenas. Um pequeno buço sombreava-lhe o lábio, usando compridas «patilhas», num conjunto harmonioso, talvez atraente, nada sinistro. Eu conhecia aquêlê figura de alguns «cafés» da Batxa. Pertencia a essa espécie de miraculosos individuos que vestem com luxo, fumam óptimas cigarrilhas, possuem amantês caras, gastam dinheiro à farta, e... não têm modo de vida conhecido.

Quando acabei o rápido exame, perguntei sorrindo para a minha companheira:

—Não lhe parece que aquêlê delicada compleição física e aquêlê ademanes dúbios pertencem mais a um inofensivo bailarino do que a um violador de cadáveres?...

mister de saltador de cemitérios, que, ainda por cima, que êle tenha uma dualidade de sexos?...

—Já lhe disse!—acentuou ela—Descobri isso de certa vez que dansei um tango com êle... Depois, a Maria do Amparo, que foi sua amante, confirmou as minhas suspeitas.

—Como conseguí vou apoderar-se dêsse livrinho de apontamentos e chegar a tão estranha conclusão?

—Fol numa noite em que eu e várias colegas minhas estávamos a uma mesa com êle. Da algibeira, sem que êle reparasse, caíu-lhe êste livro, que eu rapidamente apanhei. O meu primeiro impulso foi o de lho entregar. Mas, no mesmo instante, recordei várias histórias macabras que o «tipo» me havia contado e das quais, em ar de blague, se dizia protagonista... Assaltos nocturnos a cemitérios, violação de campas...

—Mas uma razão para não se acreditarem—volvi, encolhendo indiferentemente os ombros—Sim, porque um criminoso não se confessa assim sem mais nem menos. Sabe guardar os seus segredos... por segurança própria, por conveniência. Não concorda?

Ela, todavia, no mesmo tom convincente, retorquiu:

—Nisso demonstra êle uma invulgar espezteza. Faz-se passar por um engraçado blagueur, na anticipada certeza de que tomarão por fantasias as realidades que contar. Afasta com a verdade a suspeita dessa mesma verdade. E êsse sistema dá-lhe resultado, porque ninguém o acredita... Como eu, ao princípio, como você agora não crê que êle seja um violador de cadáveres... Ouviram-se as notas estridentes dum charleston. A minha companheira foi dançar.

Passaram uns oito dias e eu quasi tinha esque-

# Dois êrros graves de médicos

O dr. João Bastos principia no Hospital do Destêrro, e o dr. Mac Bride acaba no Hospital de S. José — Um homem que morre em consequência dos seus enganos

**D**UAS linhas — duas linhas incompletas — do *Século* de 19 do corrente encerravam afinal o desfecho de um drama, constituíam o remate da his-

Basta dizer-se que, a certa altura e sem conselho médico, entendeu montar a ponta do aparelho em cima dos ferros «rasciões da cama, não o fixando convenientemente e atando à cama as fitas do mesmo aparelho que faziam a distensão da perna. Deu isto ocasião a que o aparelho se deslocasse, não valendo de nada a distensão que muito raramente fazia.

A certa altura foi preciso fazer à cama a limpeza parasitíca. E como o enfermeiro Cruz não estava, foi outro enfermeiro de apelido Paiva encarregado de fazer a sua passagem para outra cama. E este também não se entendia com as fitas de distensão. Uma barafunda.

Aos trinta dias, o enfermeiro-chefe, sr. Almeida, foi tirar-lhe o aparelho para fazer o tratamento ás feridas por este causadas. Pois o chefe ignorava o sítio da fractura, que era no fémur, e elle teimava em procurá-la na tibia. Que consciência poderia ter este homem ao fiscalizar o serviço do enfermeiro Cruz?

E ao fim de todas estas peripécias lamentáveis o enfermo saiu aleijado do hospital, com a perna direita mais curta.

A infelicidade de Daniel Vicente bem poderia ficar por aqui, para sossogo d'êle

e para evitar mais desleixos e crimes. Mas não ficou. O pior sobreveio depois.

Vendo-se aleijado, mandou tirar a radiografia à perna doente. A nossa gravura é a reprodução fiel de uma das provas radiográficas, que eram acompa-



O nosso redactor ouvindo a vista, vendo-se ao fundo a vítima no caixão

nhadas por este memorandum, ou nota do Hospital onde foram tiradas:

*Daniel Henrique Vicente.*

*Duas radiografias da coxa direita, feitas em planos perpendiculares, mostram-nos a presença de fractura antiga viciosamente consolidada (o sublinhado é nosso) a meio do fémur, encontrando-se o topo inferior desviado cerca de 3 centímetros para trás e para dentro, havendo um cavalgamento de cerca de 5 centímetros.*

A preocupação do doente era bem natural e humana: evitar ficar aleijado para sempre. Procurou que lhe fizessem uma operação a fim de corrigir o defeito. Os srs. drs. Cabeça e Azevedo Gomes, consultados por Daniel Vicente, afirmaram que de uma operação de tal natureza resultaria a sua morte. O dr. Tomé de Lacerda, seu médico assistente, sustentava a mesma opinião. O malgrado Daniel Vicente resignava-se a ficar, assim, defeituoso para conservar a vida. Surgiu, porém, o dr. Mac Bride com opinião contrária. Prometteu-se a fazer-lhe a melindrosa operação sem o menor perigo. O doente exultou. Era uma grande autoridade médica que lhe alentava os naturais ansios de voltar a ser, como antes, são e escorreito.

Deu entrada no Hospital de S. José, enfermaria de Santo António, em 6 do corrente, a 8 era operado e dois dias depois conduzido a casa, onde faleceu a 18. Durou apenas 10 dias o pobre Da-



Dois linhas de jornal que encerram um drama

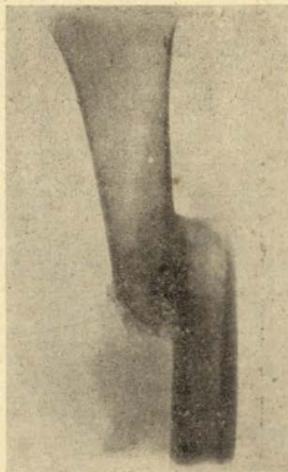
tória. Eis as duas linhas insertas [na secção *Falecimentos* da «Necrologia» do aludido jornal:

*Daniel Henrique Vicente, da rua da Palmeira, 30.*

E nada mais. O resto o leitor que o imagine e se não o pode imaginar, por falta de fantasia, nós ajudamo-lo com pormenores certos, verídicos, de uma amarga, dolorosa veracidade.

Daniel Henrique Vicente foi, em 11 de Maio último, vítima de um desastre de camioneta, fracturando a perna direita pelo fémur. Entrou no Banco do Hospital de S. José nêsse mesmo dia à noite, esteve os dois dias seguintes na Sala de Observações em perigo de vida, sendo por fim transportado na noite de 13 para o Hospital do Destêrro, enfermaria de S. Fernando, cabendo-lhe a cama 14, onde esteve até 16 de Julho próximo passado.

No Hospital do Destêrro foi o pobre Daniel Vicente entregue aos cuidados do sr. dr. João Bastos, que o abandonou, não lhe prestando a assistência devida como seria seu elemental dever, nem fiscalizando o serviço dos empregados enfermeiros. Durante dois meses só logrou ser observado duas vezes. A primeira, quando entrou na enfermaria, a segunda, cinquenta dias depois, para dar início ás massagens à perna. O enfermeiro Cruz, a cuja esquadra o doente pertencia, ignorava o funcionamento do aparelho de distensão que lhe foi aplicado à perna.



A prova do êrro

## O marido que alugou a mulher

(Continuação da pag. 9)

— Caiu como um patinho...  
 — Caiu...  
 — E o resto? — teimou o Guerreiro. — A casa? ...  
 — Para o fim do mês — respondeu Aida.  
 Ficaram alguns minutos silenciosos.  
 — Sempre te quero levar a Paris? — Interrogou Aida.  
 Aida fez apenas um movimento afirmativo de cabeça.  
 — Bem, nesse caso eu simulo uma viagem ao Algarve para os deixar o campo livre, para ele ter a ilusão de que te rapta...  
 Aida só soltou um suspiro profundo e triste.

### A CILADA

O Gomes andava louco de contente. De regresso de Paris, com a amante, quisera prolongar por alguns dias a sua lua de mel, em plena Lisboa e em segredo. A sua mulher julgava-o ainda no estrangeiro, tratando de negócios do estabelecimento. Ele andara apenas na pândega com a sua Aida, a sua adorada Aida.  
 Esta, com um método frio e inalterável, já lhe apanhara mais de cinquenta contos em dinheiro, joias de preço, enxoval rico, casacos de peles e, por fim, aquela esplêndida casa montada com tudo o que era bom, no Conde Redonda.  
 Gomes começava a perceber que a sua fortuna se encontrava muito abalada. Mas o seu amor era uma espécie de embriaguez que não o deixava pensar.

Uma tarde, alguém tocou nervosamente à campainha. Como a criada tardasse em abrir a porta, os toques repetiram-se sem interrupção, até que por fim a criada, ao abrir, viu entrar um cavalheiro irado, gritando:

— Onde estão eles, que os estranguo? Minha mulher, onde está?...  
 Era o Guerreiro.

Gomes lançou-se-lhe de joelhos aos pés. Que o perdoasse. Fora uma loucura. Sim, merecia ser morto como um cão.

Guerreiro atremessou-o aos pontaps para o patamar da escada, fechando a porta de repêlo. E, subitamente calmo, ante o espanto da criada, abraçou-se a Aida, murmurando comovido:

— Provaste que eras minha amiga. E's uma esposa ideal...  
 Poucos dias depois, na Avenida da Liberdade, o Guerreiro abria uma nova alfaiataria luxuosíssima.

REPORTER MARIO

niel Vicente. O dr. Mac Bride perdera a cartada—a vida de um homem. Adiante...

A viuva chora, coitada, porque não é o dr. João Bastos, que cometeu o erro inicial, nem o dr. Mac Bride, que rematou a série de atropêlos a que o doente esteve sujeito, que lhe vão dar vida ao marido e valer-lhe na triste situação económica em que ficou.

Reporter X não exagera os seus comentários, refreia a sua indignação. Conta sucintamente o caso, como é de seu dever, certo de que, apesar da sua comédia correcção, ainda será acusado de fazer uma campanha injusta contra os médicos.

ESTE NUMERO FOI VISADO  
 PELA COMISSÃO DE CENSURA

## REPORTAGEM EM FAMÍLIA

(Continuação da pag. 10)

onde há arte sóbria e elegância artística. As suas instalações, arcaicas e limpas, confortáveis e alegres, são atraentes e convidativas, respirando-se nelas uma atmosfera simpática e protectora que envolve os associados num ambiente de bem estar, num ambiente de amável serenidade.

O jornalista sente-se necessariamente bem ali dentro, dentro daquela casa que é sua e que lhe oferece abençoado sossego aos nervos alterados, esgotados pela agitação do seu trabalho, da sua vida de vigília e de intensidade. E nenhum ponto melhor para se retemperar, para criar novas forças...

Na dependência da frente, é a sala nobre, destinada a recepções protocolares. Mobilada e ornamentada em lindo estilo D. João V. Presentemente está ocupada por valiosa exposição de arte, onde se vêem quadros dos nossos primeiros artistas da paleta e do lápis — exposição pública que tem sido fartamente concorrida de visitantes e cujo produto reverte para os cofres da instituição.

Logo a seguir, são os gabinetes das direcções, igualmente mobilados e decorados a capricho, de móveis práticos e modernos, subordinado tudo a sóbrio bom senso artístico.

Depois há o gabinete de leitura e a biblioteca, que conta já um apreciado número de boas obras literárias e úteis, proporcionando ao sócio que as queira consultar uma preciosa e segura fonte de estudo e de informação sobre os mais variados assuntos.

Na sala de estar, além dos exemplares mais recentes de numerosos jornais e revistas nacionais e estrangeiros, oferecidos pelas empresas jornalísticas, está um optimo aparelho de T. S. F., que recebe emissões não só das estações portuguesas como também das dos outros países. Há ainda diversos jogos — do abrigo da lei, entendam-se... E tudo num ambiente de comodidade e sossego.

Passa-se a secretária e outros gabinetes, e estamos na cantina — importante melhoramento que a actual direcção da Caixa de Previdência levou a efeito, preenchendo uma lacuna, há muito notada.

Os jornalistas, agora, têm a dois passos das redacções dos jornais uma cantina exemplarmente montada, onde pode almoçar ou jantar bem, gastando pouco tempo e pouco dinheiro — as duas coisas exactamente de que o jornalista é escasso... Os preços são convidativos. Alguns exemplos: café, 800; cálice de «Porto», 1850; de Bucelas ou Colares, 800; de aguardente, 840; de «cognac» ou licor, 2800; cerveja em garrafa, 1870; refresco, 860; café com leite, 1820; cuscuzinho, 1820; bife, 5850; ovos, 2850; carnes frias, 5850, etc., etc.

Há ainda a considerar a convivência com os camaradas — sempre produtiva e natural elemento dum mais estreita união da classe.

A direcção da Caixa, a mesma direcção que tão proficentemente tem trabalhado no alindamento da nossa sede e na aquisição de novas e práticas regalias para os associados, pensa ainda em realizar outras obras de reconhecida utilidade para a classe, aumentando sempre a sua benéfica e vigorosa esfera de acção, que não conhece limites e que tem direito ao reconhecimento sincero e elevado de todos os jornalistas.

Entre as mais interessantes iniciativas avulta a do aumento das pensões — velha aspiração colectiva que há muito tempo aguardava solução digna — e, ainda, a fusão da Associação dos Jornalistas na Caixa de Previdência do Sindicato, facto que trará a esta última um considerável movimento associativo e um mais amplo desenvolvimento de todos os seus já modelares serviços.

A circuncidência de toda esta obra ter sido realizada sem quaisquer auxílios das entidades oficiais, como sucede nos demais países, mais encaixete e agiganta o esforço dispendido pela actual direcção da prestíssima colectividade, a

## MORTAS POR ENVENENAMENTO?

(Continuação da pag. 5)

tódos os momentos. E conseguiu, nesse mesmo mês de Julho último, uma passagem para Marrocos, e lá foi, clandestinamente, na canoa *Bôa sorte* — bem pouca ela teve — a caminho de Marrocos, com a filha nos braços, disposta a comover o coração duro do marido, se preciso fôsse chegar a êsses extremos. O marido recebeu-a com frieza. Informações chegadas a Olhão posteriormente dizem, mesmo, que ela foi mal recebida.

Decorridos poucos dias, a Maria do Rosário dava entrada no hospital de Mequènes onde faleceu dois dias depois, seguida de perto pela filha na derradeira viagem.

Era de esperar que imediatamente o Lopes escrevesse aos sogros, participando-lhe a morte da filha e da neta; contudo guardou o mais absoluto silêncio. Várias vezes os pais da infeliz Maria do Rosário lhe escreveram pedindo notícias, sem que lograssem receber resposta. Só em Setembro findo, por duas cartas recebidas de Marrocos e enviadas por pessoas amigas, tiveram conhecimento da morte da filha e da neta, e das circunstâncias estranhas que a precederam. Que dizem essas cartas? São importantes documentos que lamentamos não poder publicar na íntegra e que referem por menores que muito comprometem o Lopes. Uma delas diz: «Quando êle aí for façam o mesmo que êle fez à desgraçada mulher».

O facto é o assunto de todas as conversas em Olhão. A avó e mãe das vítimas diz que é sua convicção de que existe crime, e afirma a quem a quer ouvir: «A minha filha foi envenenada. Se assim não fôsse, a minha netinha não teria morrido com a mãe, pois morreu em consequência de beber o seu leite. Se o meu genro tivesse a consciência tranqüila, ter-nos-ia dado a notícia da morte da minha filha e da minha netinha.»

O caso é recente, mas os interessados já desistiram, apesar da sua gravidade, de o apurar a limpo e obrigar o Lopes, sobre quem recaem graves suspeitas, a prestar contas dos seus actos à justiça. Aqui terminou a acção do jornalista. Mais para além começa já a da policia.

COSTA JUNIOR

qual, para angariar os preciosos fundos, se tem socorrido da efectivação de festas, de exposições, de espectáculos, sempre bem correspondidos por parte do público.

Para finalizarmos, não queremos deixar de sublinhar com entusiasmo a forte policia de atracção que os corpos gerentes da Caixa estão pondo em prática com o louvável objectivo de interessar todos os profissionais da Imprensa pela sua Casa, já bastante frequentada hoje, podendo augurar-se dêsse sintoma uma franca prosperidade que, de futuro, reinará na benemerita instituição que é a Caixa de Previdência do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa.

# UM VIOLADOR DE CADAVERES

(Continuação da pag. 12)

# O JUIZ VEIGA E A LENDA

(Continuação da pag. 7)

dade. Olhei em volta, curiosamente. A nossa esquerda, para além dos muros brancos estava o cemitério do Alto de S. João — nota tréfica a infundido silêncio ao local.

Algumas dezenas de metros à nossa frente via-se o automóvel que se ali havia ficado segurado e que, descrevendo uma volta, tomou o mesmo caminho já percorrido, tendo para o efeito que passar, forçosamente, junto de nós.

Reparei bem: não levava nenhum passageiro. Só então adquiri a certeza de que o estranho José Pinto, que misteriosamente acabava de desaparecer, era, de facto, um violador de cadáveres. Não hesitei e dirigimo-nos para o portão principal, em cuja campainha toquei com violência.

Acudiu ao chamamento uma das patrulhas de guardas que no silêncio reducto fúnebre fazem a ronda nocturna. A entrada foi-nos franqueada após a declinação da nossa identidade e a explicação do que ali nos levava aquela hora.

— Só com ordem superior podíamos fazer isto, — disse-nos um dos guardas — mas como se trata dum caso de tanta gravidade...

Não foi sem muita comoeção que iniciámos a ronda. Com a devida licença de certas almas fortes em valentia teórica, o caso não era para menos.

Passam trinta minutos da meia-noite — hora propícia para os crimes — e as primeiras sombras descem à terra, se acreditarmos em velhos contos narrados por nossos avós.

O cemitério apresenta um aspecto pavorosamente taciturno. E o corpo, mau grado me, começa-me a ser sacudido por convulsos arrepios de forte sensação.

— Redor há silêncio — um silêncio que pesa, que oprime, raras vezes interrompido por gemebundos queixumes, gargalhadas sínistras da ramaria dos gigantescos ciprestes. Na ventania ululante viajam ameaças trágicas, evocações de negros pesadelos.

— Enregelou-se! E para figurarmos à sensação do frio, que a noite ali não dá, que o corpo não respira, pusemo-nos em andamento, percorrendo as simétricas ruas da atomizada «cidade-da-morte».

Do dois lados laterais os jazigos parecem deformar-se, agrandando-se à luz fraca das pequenas lanternas que os nossos companheiros conduzem, espalhando intranquilidade nas sombras noturnas. No espaço cruzam-se, em apressadas fugas, aves nocturnas e características — raros seres do mundo que, para viver, se recolhem à paz sepulcral.

Tento, em vão, subtrair-me a mil visões fantasmagóricas que a retina, alucinadamente, me apresenta. É para afastar inoportunas e cruéis ideias que povoo o cérebro, estabelecendo conversas: — Não, não, não! Melhores não começamos pelos lados do Alto do Pina... Foi por essas bandas que perdemos o violador de vista...

Um pouco sceptico, responde M. A., o mais idoso dos guardas:

— E' nos indiferente! — e com um riso de zombação: — Já a respeito dos senhores enganados? E' que nós nunca cá demos por qualquer saiteador. — E' othem que já tenho vinte e quatro anos deste serviço...

E' rio novamente — riram os dois.

Fiquei com a impressão de que os incredulos guardas nos disfrutavam. Entretanto, o meu companheiro, olhando em redor, fez, com bastante pesar, voltava-me também frequentes vezes para trás, a investigar as trevas lígubres.

Do homem do «Bristol» não encontramos rastro. No entanto continuámos a procurar-lo.

E para passarmos o tempo, o M. A. contou-nos episódios da sua longa vida de guarda.

— Olhe, aqui neste sítio, succedeu-me uma coisa há uns quinze annos que nunca mais pude esquecer! Andava eu na ronda, quando de súbito julguei ouvir umas pancadas sécas saírem daquelle jazigo ali. Até então eu nunca conhecera o médio; mas nessa noite, ao ouvir o insólito ruído, fiquei sem pinga de sangue nas veias, senti-me pregado ao chão. Passados segundos ouvi, novamente, as mesmas pancadas, desta vez com mais insistência, mais

violetas. Imaginei que morria de terror. Depois, como não podia explicar o motivo das misteriosas pancadas, só achámos uma solução: fugir desvaladamente, enlucosquidos pelo formidável susto. Até que encontramos alguns colegas nossos a quem contámos o esquisito caso. E' claro que todos juntos fomos então vêr do que se tratava. Sabe o que era?

— A lala estrangulara-se-me na garganta. Devia por força ter os cabellos estacados e os olhos a saírem-me das órbitas. Balbuciei uma frase quaquer.

— Era nem mais nem menos do que um «morto-vivo»... — esclareceu o M. A., gozando o nosso assombro dum «morto-vivo» que funeral se havia efectuado na véspera. Arrombámos a porta do jazigo e o caixão de chumbo, mas o infeliz homem tinha já morrido, desta vez de verdade, com falta de ar. O cadáver, quando o examinámos, estava ainda quente. Pôra um erro da medicina...

— Bem, bem... não preciso mais nada. — de sentaramelando a língua, num esforço supremo.

Os meus pensamentos alucinantes tomam agora novo rumo — e enquanto vou ouvindo o infatigável guarda, seiçmo nos dramas occultos que dentro daquelles muros vibram e palpitam intensamente. Vislono, então, tragédias sangrentas, dores lancinantes, horrosos crimes que ali têm sua fatal epílogo: quatro palmos de terra para uns, o martelar fino dum jazigo para outros.

Por toda a parte aprendo detalhes que me tãram de mortos, da triste finalidade dos homens. Assombro-me da minha audácia em ter penetrado ali e tremo, tremo tãdo ao recordar obsessantemente horribes histórias de fantasmas.

Falta-me a palavra para descrever o que me passou.

— Mas nem tudo é triste nesta vida — afirmou elle alegremente, talvez com o sentido de nos levantar o ânimo.

— Há-de haver coisa dum mês, andava eu na habitual ronda, quando ouvi um automóvel parar na estrada, em frente ao cemitério. Eram onze horas da noite. Um casal de curiosos subiu a este muro para observar o que se passava. Vi, com effeito, um carro parado, lá fóra, reconhecendo dentro em pouco, pelo praguejar do «chaffeur», que aquêle soffrera um desarranjo no motor. E eu, com o intuito de lhe ser prestativo, gritei-lhe, cá de cima do muro:

— E' preciso alguma coisa? — E qual não foi o meu espanto, quando o vi dar um formidável salto e desatir a fugir pela rua abaixo, em direcção a Moraes Soares, que se levasse o diabo no corpo. O carro ficou ali abandonado até à manhã seguinte, que foi quando ao pobre «chaffeur» passou o susto involuntariamente causado por mim.

Nesta altura e apesar da comledade do episódio narrado, fiquei esvoriado no topar com um vulto negro dettado sobre uma campã:

— O que é aquillo? — perguntei, aterrado.

Os meus companheiros olharam sobressaltados. Os queixos castanhollavam-me macabra dansa. A minha volta parecia que tudo ballava fantásticamente uma névoa infernal. Fiquei petrificado, vivendo o cérebro um momento unico de brutal intensidade.

— Seria o saiteador que arrastaria para ali o cadáver? — interrogou, mais animoso, o M. A., ao mesmo tempo que se aproximava da massa negra, tocando-lhe com o pé.

Do pavór transilte para a estupefacção.

O corpo havia-se erguido e, estirando os olhos, perguntava:

— Ah!... Que é isto?... Que me querem?... e após um relancear de olhos em volta: — Mas... onde estou eu?... Quem são os senhores?

— A senhora está no cemitério do Alto de S. João.

— No cemitério... Valha-me Deus! Mas então

esclandou. Dissimulou o nójo e o médo e sorrindo disse-lhe que guardasse as duas coilsas até ao dia seguinte. Iria estudar uma plataforma.

Mas o que aconteceu é que foi contar tudo ao Juiz Veiga.

— Pelas três horas da tarde do dia seguinte parava um *coupe* à porta da Havanesa e deíe saia o Juiz Veiga, que lá comprar charutos.

Dom Fulano de Tal fala-lhe, aceita um charuto e é convidado amavelmente a ir até à Calçada da Estréla. Hoje não há nada que fazer e aproveito para combirmarmos aquela récita de caridade... Venha você comigo... devem lá ir Beltrano e Sicrano...

No Juzo de Instrução Criminal passa-se uma hora em conversa amena, até que o Juiz é avisado de que já chegara o chefe Jacob.

— Que entre... que entre.

Há umas perguntas banais e o chefe Jacob entrega ao Juiz Veiga um embrulho medioso...

— Bem, bem... não preciso mais nada.

E logo que o policia sai, sentando-se à secretária, desatou o embrulho.

— O meu querido amigo sabe o que isto é? Dom Fulano de Tal ficou varrido: eram as cartas e o colar de pérolas.

O Juiz Veiga tinha feito bem as coilsas. O encontro fóra propostado e o chefe Jacob, indistruído antecipaadamente, seguira a fazer a busca no quarto de Dom Fulano de Tal.

Poucas palavras se trocaram.

— Isso é uma arbitrariedade, senhor Juiz... Isso... é um abuso de autoridade.

— Sim, meu amigo; mas o que você pretendia fazer era, além de um abuso de comledade, uma porcaria sem nome... Pode sair quando quiser.

## EPILOGO

Como nos romances *à sensation* tem epílogo este caso autêntico:

O addido foi transferido de legação, a Condessa de XXX entrou a ser mais prudente.

Só Dom Fulano de Tal continuou na mesma, pavoneando-se entre a Havanesa e a Marques a magiar mais casos *à margem do código*.

TOM

deixe-me adormecer sobre a campã do meu filho...

Respirámos!

Aquella mãe que adormecera sobre a campã do saudoso filho encheu-me de ternura. Examinei-a: Teria 40 annos, já cansados, expressos num rosto doce e simpático, mas melancólico. Trajava decentemente.

— Que horas são? — perguntou, já de tãdo acordada. E' à nossa resposta laimentou-se: — Valha-me Deus!... Como gostaria de ficar junto do meu querido filho, se não fossem os outros, tão pequenitos ainda...

E' num excessivo de comoeção, rompeu em convulsivo choro.

— Onde mora a senhora? — Interroguei.

— Em Arroios, mesmo na rua de Arroios!

— Então, se quiser, vai no nosso carro para baixo... Deixo-a em sua casa.

Fliz um sinal ao fotografo e, cada um do seu lado, transportámo-la para fora do cemitério.

Mais um drama ignorado — o daquela alma de mulher, de mulher-mé.

— E do violador de cadáveres o que seria feito? Teria elle presenciado a nossa presença?... O certo é que não deu sinal de si.

Os guardas do cemitério voltaram a embriusar-se pela «cidade-dos-mortos», a guardá-la da rapina voraz dos vivos.

E' nós, apañando um «laxi» livre na rua Moraes Soares, marchámos para a vida — para a vida que, cá fóra, arrastando no seu envolvente turbilhão tãdo a humanidade, amalgamando a numã constante e feroz, luta de occultos interesses.

AMREICO FARIA

# ◆◆ Grande Hotel da Batalha ◆◆

Completamente renovado

MANUEL FERRAZ & C.ª, L.ª

Magnificas instalações  
Serviço de mesa primoroso  
EXPLENDIDA SALA DE JANTAR

Higiene e conforto

P. DA BATALHA = PORTO

TELEFONE, 247

## MANUEL JOAQUIM BARBOSA

PAPEIS, ARTIGOS GRAFICOS, COMISSÕES E CONTA PRÓPRIA  
Telefone 5039

Rua da Picaria, 37 — PORTO

Visite V. Ex.º

## Hotel Restaurant Pinto Bessa

Rua da Estação, 86-PORTO-Telef. 5294

Instalações modernas—Quartos com todo o conforto e higiene—Quarto de banho em todos os andares—Permanente serviço de restaurant—Preços modicos—Visita-lo é preferir-lo.

Proprietario — LUIZ CORREIA

## CAFÉ CONCERTO PRIMAVERA

Travessa da Picaria, 28

O maior Salão Dancing do Porto

TODAS AS NITES NOVAS VA-

RIEIDADES — «SOIRÉES»

Serviço de Restaurante e Gabinetes

— ABERTO TODA A NOITE —

## CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES

DE PREDIOS

Especialidades em pinturas

A. R. CARVALHO

Construtor civil diplomado

Rua da Picaria, 8 — PORTO

## VICTORIA CAFÉ

Praça Guilherme Gomes Fernandes, 66

### BAR

Galeria de Paris, 109 — PORTO

O mais confortavel  
mais completo  
mais higienico

Grande exito de todos as noites

Fados pela cantat'iz Lessor Fialho—Explendidos sal'tes de Jogos, Bilhares e Ping-Pong — Pequenos almoços, Lanches — Comentos todos os dias das 21 horas em diante

## NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil  
e América do Norte



PASSAPORTES

Agente no Norte

da United States Lines

TELEFONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62

PORTO

V. Ex.ª Deseja comprar barato?  
Elegante? Na ultima moda?  
EXPERIMENTE E VERÁ!!!

## SAPATARIA LAGES

R. Santo Ildefonso, 20-PORTO

## MAQUINAS FOTOGRAFICAS

DANIEL AUGUSTO BENTO

A pagamentos semanais de 10\$00, com sorteio pela lotaria de Lisboa

## FOTO-ESTRELA POLAR

62 — Rua de Santa Catarina — 64  
Telefone: 2158 PORTO

## SABÃO CASTELO

O melhor produto para tirar nodosos

Preço 1\$00

Á venda em todas as drograrias

## COELHO DA COSTA

AGENTE OFICIAL

Trata de todos os documentos e tira passaportes para o Brasil, França, etc., e vende passagens em todas as classes, tanto para embarcar em Leixões como em Lisboa

Escrever ou falar para a

RUA CHÁ, 129-132—PORTO

TELEFONES ( Agencia 1412 Residencia 2187



## PELES

melhores procedências para confeções. Curte, tinge, limpa, transforma e confecciona todas as peles. Enviam-se amostras para a provincia e remetem-se encomendas contra-reembolso.

Grandes abatimentos ás modistas — Formidavel sortido em malas, pastas e carteiras.

Esta casa executa concertos em capas de borracha, malas e tinge com perfeição

## A NACIONAL

Fábrica de malas, carteiras, pastas e confeções de peles

DE

A. FERREIRA VEIGA, LTD.

Rua da Palma, 34, 1.º — LISBOA Telefone N. 3624

NOTA — Não confundir esta casa com qualquer outra semelhante, pois é "A Nacional", a mais antiga no gnero e a que melhor serve e mais barato vende.

## "GARANTIA"

COMPANHIA DE SEGUROS

(FUNDADA EM 1893)

Capital Integralizado Esc. 1.500.000\$000

Reservas em 31 de Dezembro de 1927

Esc. 6.611.363\$33

Os segurados da "GARANTIA" devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece á matemática e esta é uma sci. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a "GARANTIA" tem a esccução á seu passado

SEDE

Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO

(EDIFICIO PROPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 13 e 14

Casa Bonaria Sousa, Cruz & C.ª, Lda

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 65 a 71

(EDIFICIO PROPRIO)

## AGENCIA "A PORTUENSE"

(DAS MAIS ANTIGAS DE PORTUGAL)

Passagens e Passaportes

— Honestidade e competencia —

Fornece-se todos os esclarecimen-

tos por correspondencia, a quem

os pedir

TELEFONE 123

R. do Corpo da Guarda, 15

PORTO

## Mendonça, L.ª

## COMPRA E VENDA

## DE PROPRIEDADES

## COLOCAÇÃO DE CAPITAL

EM 1.ª HIPOTECAS

## Rossio, 74-1.º

## VISITE o CLUB RITZ

R. Fernandes Tomaz, 517  
PORTO

Explendida orquestra «JAZZ»

A CANÇÃO NACIONAL canta

mais afamados cantores do

— PORTO e LISBOA —

## MODICIDADE DE PREÇOS

Antes de comprar uma maqui-

na de escrever portátil ou para

escritório, sirva-se V. Ex.ª

pedir oferta da

## UNDERWOOD

ao agente:

CARLOS DUNKEL - R. Sá da Bandeira, 62

Telefone: 1013 — PORTO